



O narrador moderno em “A Hora da Estrela” / *The modern narrator in “The hour of the Star”*

Gabriela Sá Pauka ^{1*}

Professora Assistente do Departamento de Ciências da Educação/Letras da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ariquemes. Doutoranda em Literatura e Vida Social pela UNESP, Campus de Assis. Mestra pela mesma instituição, onde pesquisa primordialmente a relação entre Literatura Canônica de Língua Inglesa e Cinema. Atua com os seguintes temas: Literatura e o Mal, Demiurgia Literária, Literatura Comparada, Crítica Literária, Literatura e Cinema, Pastiche e Paródia, William Blake, William Shakespeare, Lars von Trier e Clarice Lispector.

 <https://orcid.org/0000-0002-1573-9495>

Recebido em: 02 dez. 2024. Aprovado em: 17 jul. 2025.

Como citar este artigo:

PAUKA, Gabriela de Sá.O narrador moderno em “A Hora da Estrela”. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 1, e4990, ago. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.16734613

RESUMO

Este artigo investiga os elementos modernos que constituem o narrador de *A Hora da Estrela*, último romance publicado em vida por Clarice Lispector. Definido por seu narrador, Rodrigo S. M., como uma “fotografia muda”, o livro explora intensamente o processo criativo de seu autor fictício, tornando-se o foco analítico deste estudo. Busca-se, desse modo, compreender como a narrativa moderna constrói um narrador cuja voz revela a impossibilidade de uma neutralidade objetiva ou de uma onisciência absoluta, marcas do fazer literário moderno. Esta análise contribui para desvendar questões fundamentais sobre a modernidade e sua literatura, caracterizadas pela suspensão da crença na ciência, a dissolução de instituições e o colapso das metanarrativas. Tais dinâmicas refletem a essência de uma alma moderna: fragmentada, desamparada e autoconsciente. Examinar o fazer literário de Rodrigo S. M. permite descortinar os meandros da expressão escrita, capturando seu “essencial delicado”. A fim de mapear os elementos que constituem o narrador Rodrigo S. M. como um narrador moderno, este artigo embasar-se-á em autores como Theodor W. Adorno, Mikhail Bakhtin e Anatol Rosenfeld.

PALAVRAS-CHAVE: *A Hora da Estrela*; Narrador moderno; Rodrigo S. M.; Clarice Lispector.

ABSTRACT

This paper investigates the modern elements that constitute the narrator of “The Hour of the Star”, the last novel published during Clarice Lispector’s lifetime. Defined by its narrator, Rodrigo S. M., as a “silent photograph,” the book intensely explores the creative process of its fictional author, becoming the analytical focus of this study. The aim is to understand how modern narratives construct a narrator whose voice reveals the impossibility of objective neutrality or

^{1*} Endereço eletrônico: gabriela.pauka@unir.br



absolute omniscience - hallmarks of modern literary production. This analysis contributes to unraveling fundamental questions about modernity and its literature, characterized by the suspension of belief in science, the dissolution of institutions, and the collapse of metanarratives. These dynamics reflect the essence of the modern soul: fragmented, bereft, and self-aware. Examining Rodrigo S. M.'s literary craft allows one to uncover the intricacies of written expression, capturing its "delicate essence." To map the elements that constitute Rodrigo S. M. as a modern narrator, this article draws on authors such as Theodor W. Adorno, Mikhail Bakhtin, and Anatol Rosenfeld.

KEYWORDS: *A Hora da Estrela; The Hour of the Star; Modern Narrator; Rodrigo S. M.; Clarice Lispector.*

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo a elencagem e concomitante análise dos elementos modernos constituintes do narrador de *A Hora da Estrela*, último livro publicado em vida por Clarice Lispector (1920-1977). Seu último romance, primeiramente publicado em 1977, possui diversas edições impressas ao longo dos anos; entretanto, este estudo se baseará na edição de 2017, edição comemorativa dos 40 anos de *A Hora da Estrela*, cujo diferencial está na presença de fotografias de alguns manuscritos do romance e de ensaios inéditos sobre a obra.

Clarice Lispector foi tradutora, romancista, jornalista, contista e ensaísta de origem judia naturalizada brasileira. Formou-se em Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro e é considerada uma das mais importantes escritoras do século XX. Seus romances inovadores e sua linguagem altamente poética colocaram em xeque os modelos narrativos tradicionais.

A Hora da Estrela, texto de apenas 63 páginas na edição mencionada, é, como Rodrigo S. M. o define, uma “[...] fotografia muda” (Lispector, 2017, p. 51). “Escrito” por um narrador masculino, *AHE* está centrada em dois eixos temáticos: a vida insípida de Macabéa, nortista migrante, datilografa órfã; e o processo criativo do escritor/narrador Rodrigo M. S. Foco maior será dado a esse segundo componente da narrativa. Tenciona-se, portanto, averiguar os caminhos pelos quais Clarice percorreu para elaborar seu narrador e de que maneira essas escolhas funcionam como espelho para estrutura da própria obra.

A investigação desses elementos resume a hipótese deste trabalho: de que a criação literária moderna exige um narrador não tradicional, ou seja, um narrador distante da figura suprema, onisciente, tão peculiar ao romance do século XIX. A figura narrativa do século XX é aquela que se convencionou chamar de narrador suspeito, cujos tropeços plasmam a impossibilidade de uma objetividade clara, de uma posição desinteressada, de uma consciência neutra.



Ao analisar o narrador de *AHE*, Rodrigo S. M., o narrador de uma das escritoras de maior explosão vocabular da língua portuguesa (Candido, 1970), este estudo contribui para o desvelamento das questões que perpassam o homem moderno e sua subsequente literatura. O produto da suspensão da crença na ciência, da dissolução das instituições, do fim das metanarrativas está colocado na literatura como conteúdo autêntico da alma moderna: perdida, fragmentada, autoconsciente. Estudá-la de maneira literária é descortinar as sendas da expressão humana em seu “essencial delicado” (Lispector, 2017, p. 48), já que “todo o novo estilo surge como uma necessidade histórico-social da vida e é um produto necessário da evolução social” (Lukács, 1968, p. 57). Desse modo, a noção de estilos narrativos emerge como um produto histórico-social, colocando a obra de Lispector em um contexto mais amplo, onde o fazer literário responde às tensões de uma época marcada pela dissolução de certezas e pela busca de novas formas de expressão.

2 O narrador moderno

A fim de mapear os elementos que constituem o narrador Rodrigo S. M. como um narrador moderno, este artigo embasar-se-á em autores cuja argumentação apontam as consonâncias da figura narrativa moderna. São eles Theodor W. Adorno (2003), Mikhail Bakhtin (1998) e Anatol Rosenfeld (1976).

De acordo com Bakhtin (1988), o romance e consequente narrador são termos de difícil definição. Essa dificuldade reside no fato de que o romance é a única expressão literária mais jovem que a escrita. O gênero romanesco tem, como característica essencial, o contato com o vivo, com o inacabado, com o presente em progresso. E por isso, compara o romance à argila, matéria passível de transformação, substância viva, instável e transitória. O romance é, dessa forma, gênero em evolução e, destarte, ainda instável, adaptável, inovador; logo, de complexa definição. Em comparação à epopeia, o romance representa a transformação radical das coordenadas temporais já que em seu cerne está a “ação direta das transformações da própria realidade” (Bakhtin, 1988, p. 400). A revolução do tempo implica na revolução da estrutura. Sentido e significado renovam-se, elegendo o romance como centro da dinâmica da percepção. Resultado



disso é a reestruturação radical da construção literária do homem. O passado imutável, inalcançável não dá mais conta da completude humana. Essa transmutação temporal reverberá na estrutura do narrador, elevando-o à uma complexidade nunca vista.

O narrador moderno metamorfoseia-se em extensão insólita do mundo, cujo papel é o do desafio à pretendida lucidez da objetividade. A onisciência tão comum ao narrador do século XIX não é mais viável, pois a modernidade caracteriza-se pelo abandono de verdades absolutas. Desse modo, a subjetividade do olhar do narrador “[...] não tolera mais nenhuma matéria sem transformá-la, solapando assim o preceito épico da objetividade” (Adorno, 2003, p. 55).

Entretanto, segundo Adorno, a posição do narrador “se caracteriza, hoje, por um paradoxo: não se pode mais narrar, embora a forma do romance exija a narração” (Adorno, 2003, p. 55). Logo, restará ao romance ser narrado através de uma revolução no olhar subjetivo que guia, um olhar desintegrado, desarticulado, consciente de suas projeções individuais, sem pretensões de verdades absolutas ou caminhos definidos.

Se o romance quiser permanecer fiel à sua herança realista e dizer como realmente as coisas são, então ele precisa renunciar a um realismo que, na medida em que reproduz afixada, apenas a auxilia na produção do engodo. (Adorno, 2003, p. 57)

O narrador passará, portanto, a encarnar o verdadeiro objeto literário moderno: o conflito entre os homens vivos e as relações petrificadas. Nesse processo, a própria alienação torna-se um meio estético para o romance (Adorno, 2003). O impulso motor para a narrativa tornar-se-á a decodificação do enigma da vida, personificado no Outro e no Eu² que circundam o narrador. Esse esforço aparecerá como algo assustador e duplamente estranho no contexto do cotidiano sempre insólito imposto pelas convenções sociais. A literatura moderna, ao eleger o distanciamento como alicerce da narrativa, nada faz senão reconhecer o que é corriqueiro na ciência e filosofia. Duvidando da posição absoluta da consciência central, ela critica a posição ocupada pelo sujeito cognoscente:

² Na filosofia de Adorno (2003), o “Outro” representa aquilo que está fora do eu, abrangendo a realidade externa, a sociedade e a alteridade, frequentemente vivenciada como estranha ou alienada. O “Eu”, por sua vez, designa a consciência subjetiva, a identidade interna e a percepção do indivíduo. A tensão e a interação entre o Outro e o Eu refletem a luta dialética da modernidade, na qual a subjetividade encontra-se fragmentada e mediada pelas relações sociais e pela alienação. Essa dinâmica é fundamental para compreender a perspectiva fragmentada e autoconsciente do narrador moderno.



O fundamentalmente novo é que a arte moderna não o reconhece apenas tematicamente, mas através da assimilação dessa relatividade à própria estrutura da obra-de-arte. A visão de uma realidade mais profunda, mais real, do que a do senso comum é incorporada à forma total da obra. É só assim que essa visão se torna realmente válida em termos estéticos. (Rosenfeld, 1991, p. 81)

A abolição da distância é um mandamento da própria forma moderna, diferentemente do romance tradicional em que a posição do narrador era fixa e de superioridade. Na era moderna, época de valores em transição e por isso incoerentes, a realidade deixou de ser um mundo explicado, e adaptações estéticas capazes de incorporar o estado de fluxo e insegurança tornaram-se necessárias. O narrador se confessará incapaz ou desautorizado a manter-se na posição distanciada e superior do narrador realista que projeta um mundo de ilusão a partir da sua posição privilegiada.

Desse modo, o narrador moderno não pretende mais passar a impressão de que é imparcial – sempre há um ponto de vista com o qual devemos nos comprometer, cujos desdobramentos se multiplicam e se escondem (Dalcastagnè, 2000). Esse artifício mostra as falhas do narrador enquanto personagem e faz gritar seus absurdos. Sendo assim, a literatura moderna não tem mais o intuito de adormecer nossos sentidos. Ela exigirá um leitor comprometido, já que não há mais com dialogar no mundo sem desconfiança. A pretensão da imparcialidade acabou. O narrador confuso, obstinado, abertamente mentiroso nos convida a tomar partido e nos mostra as engrenagens de quem somos.

Para tanto, elementos como a incapacidade de expressão, a exposição de procedimentos narrativos, a escrita a partir do desconhecido e da dúvida – como exercício, a violação da lógica da linguagem tornando-a metafórica, lírica, sugestiva e fragmentada funcionarão como denominadores comuns ao desenvolvimento narrativo. Narradores atormentados pelo desconhecido destino – seu próprio e de suas personagens – ruminarão a impossibilidade e o limite da expressão escrita enquanto tateiam sua própria história.

3 A edificação de Rodrigo S. M.

Segundo Rosenfeld (1996, p. 81), para “[...] cada fase histórica existe certo *Zeitgeist*, um espírito unificador que se comunica a todas as manifestações de culturas em contato”. Um narrador como



Rodrigo, escritor de um “[...] livro inacabado porque lhe falta a resposta” (Lispector, 2017, p. 46), cujo peito carrega “esse oco de alma [...]” (Lispector, 2017, p. 49) é espelho daquilo que convencionamos como sujeito moderno. Encontramos em sua narrativa elementos como: a desorientação, a chancela do individualismo, o mundo fragmentado, a ciência dividida em disciplinas, a sociedade complexa, a impossibilidade da expressão através da palavra, consciência embaçada e o abandono de uma postura onisciente. Ou seja, as peculiares da modernidade estão impressas em termos estéticos no romance, tanto em conteúdo, quanto em forma.

Rodrigo pulveriza a trajetória de Macabéa entre lacunas de ponderações de cunho metafísico e literário. Nem os percalços da escrita – que não lhe é dada facilmente -, nem os raros acontecimentos da narrativa, nem a construção de sua própria identidade acontecem de maneira linear. O narrador de *AHR* frequentemente faz apanhados filosóficos para então pincelar pontos fragmentários, se não misteriosos, sobre a personagem apanhada no ar, de relance, no rosto de uma moça nordestina.

O cerne da primeira parte da obra, momento em que Macabéa ainda é apresentada de maneira fracionada, Rodrigo preenche as páginas com a ansiedade criadora que apenas a metalinguagem pode imprimir: “Transgredir, porém, meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que esta me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer realidade” (Lispector, 2017, p. 52). Em estilo loquaz, o narrador/escritor participa de uma espécie de processo maiêutico autorreflexivo. Rodrigo fornece ao leitor uma experiência palpitante constituída de diversas reflexões, alternadas muitas vezes de um período a outro, sem aviso prévio, sem a obediência exigida pela organização tradicional de parágrafos. As ideias se alinham conforme o típico desalinho saltitante do fluxo de consciência; portanto, não estão organizadas de maneira que cada trecho debata exclusivamente um ponto específico, como costumam os narradores tradicionais.

Rodrigo apresenta-se em contradições, acessível e misterioso. Pretende-se simples, como em “Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho” (Lispector, 2017, p. 46); porém, seu estilo desloca o significado de seu contexto usual e aquelas pequenas surpresas clariceanas acontecem:



É claro que, como todo escritor, tenho a tentação de usar termos suculentos: conheço adjetivos esplendoroso, carnudos substantivos e verbos tão esguios que atravessam o ar em vias de ação, já que palavra é ação, concordais? (Lispector, 2017, p. 50)

Não apenas a estruturação e temática são aqui fragmentadas. Até mesmo a elaboração de *AHE* aconteceu através de um esfacelamento linear. Assim como Rodrigo, Clarice se aproxima para logo se afastar – seus manuscritos revelam construção. As fotos disponíveis na edição comemorativa evidenciam os trinta e quatro formatos de papel usados no manuscrito – de canhotos de cheque ao verso de lista de compras, de folhas pautadas a pequenos bilhetes apressados. É possível perceber que Clarice também pulverizou sua escrita e que os momentos de trabalho não eram planificados ou lineares. Tanto Clarice quanto seu último narrador desaceleram, interrompem, imobilizam, trabalham em reflexões, perguntas e parênteses.

Vejo o desejo de lidar com o tempo de outra maneira, não linear, simultâneo, de instantes que se sobrepõem, o que significa um outro sentido para a escrita, que não vai numa única direção, mas se espalha pela casa, pelas gavetas, bolsas, pastas, ocupando o espaço inesperado que lhe designam as notas espalhadas por Clarice, a serem recolhidas pelas muitas mãos dos arquivistas. (Vidal, 2017, p. 29-30)

Na exemplificação do trabalho com o tempo, podemos comprovar mais um dos elementos que constituem os narradores modernos. O tempo narrativo não é de maneira nenhuma o passado, mas o presente mais imediato possível: “Vivemos exclusivamente no presente” (Lispector, 2017, p. 53); ou ainda “Tudo acontece neste ano que se passa” (Lispector, 2017, p. 62). Rodrigo chega a afirmar que o livro que escreve é patrocinado pelo refrigerante mais famoso do mundo, refrigerante esse muito ruim, porém famoso pois tem gosto de hoje, um gosto que te atualiza (Lispector, 2017).

A imediatez citada acima, filha do estranhamento e do desnorteio experimentados pelo homem moderno, tem ainda como consequência a suspensão da crença no narrador. O passado, como dito anteriormente, é o tempo verbal passível de verificação, apreensão. Sem passado marcadamente claro, Rodrigo é lido com desconfiança. Não sabemos quem ele é: as pequenas porções de informações são dadas à conta-gotas; e ainda assim, muito nos escapa.

Além disso, Rodrigo S. M. é declaradamente mentiroso: “Só minto na hora exata da mentira” (Lispector, 2017, p. 46). O abandono da confortável posição de testemunha crédula, ou seja, o rompimento com o narrador superior e onisciente, aconteceu, para o leitor brasileiro, a partir de Machado de Assis. E similarmente, o diálogo estabelecido por Rodrigo por vezes afirma com farsa



e tenta nos cooptar pela franqueza e expansão (Vidal, 2017). Segundo Dalcastagnè (2000), no lugar de um sujeito supremo que sabe e comanda tudo, somos conduzidos por alguém que tropeça no discurso, um narrador suspeito de consciência embaçada ou de interesses imprecisos.

Além do que se mencionou acima, o narrador dessa obra de treze títulos pode ser apontado como narrador suspeito também, pelo fato de evidenciar com frequência o abismo existente entre o ser e a linguagem: “Minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem palavra que a signifique” (Lispector, 2017, p. 47). A expressão que escapa a Rodrigo, impossibilitado de performar com plenitude aquilo que deseja é outro dos elementos que constituem o narrador moderno. O dito está mais bem dito naquilo que sugere, e não no que clarifica: “O definível está me cansando um pouco. Prefiro a verdade que está no prenúncio” (Lispector, 2017, p. 62).

Atrelada à noção de uma poética da negatividade, está também a problematização da literatura *per se*. Indagações como: *Por que escrevo? Como escrevo? Quem me lê?* ou a marginalização social do escritor são sucessivas:

Que mais? Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a baixa classe nunca vem a mim. Não é fácil escrever. (LISPECTOR, 2017, p. 53)

Ou ainda, “estou absolutamente cansado de literatura; só a mudez me faz companhia. Se ainda escrevo é porque nada mais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte” (Lispector, 2017, p. 96). O questionamento do papel da literatura e seus possíveis desdobramentos é um dos pontos que convergem para a confirmação da hipótese de que o narrador de *AHE* só poderia tê-la escrito ancorado nas plataformas modernas de arte. Nessa esfera, o desvendamento dos processos artísticos também ganha luz. Exemplo disso são dois momentos cruciais, surpreendentes, sem precedentes na literatura brasileira.

O primeiro dele é a suposta reprodução do primeiro encontro de Macabéa e Olímpico. Rodrigo escreve: “o que se segue é apenas uma tentativa de reproduzir três páginas que escrevi e que minha cozinheira, vendo-as soltas, jogou no lixo para meu desgosto” (Lispector, 2017, p. 73). Não houve antes um narrador que exteriorizasse de maneira tão cabal os processos da criação criativa – interferência alheia e desmotivação.



O segundo momento a que nos referimos diz respeito às pausas feitas pelo escritor, coisa antes inimaginável dentro de uma narrativa e aqui posta de maneira muito clara:

Tenho que interromper essa história por uns três dias. Nestes últimos três dias, sozinho, sem personagens, despersonalizo-me e tiro-me de mim como quem tira uma roupa. Despersonalizo-me a ponto de adormecer. E agora emerjo e sinto falta de Macabéa. Continuemos: (Lispector, 2017, p. 73).

Respaldado pelos princípios citados, Rodrigo S. M. já pode ser considerado um narrador moderno de original riqueza e atualizada percepção de mundo. Não obstante, considerar-se-á em tópico independente a relação de construção de sua identidade em oposição ao Outro, mais especificamente à Macabéa e Clarice.

4 Identidade em oposição fragmentada

O romance é principiado com uma dedicatória do autor, entre parênteses *na verdade Clarice Lispector*, para sua antiga pobreza, para renomados musicistas, para

[...] todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu. Esse eu que é vós, pois não aguento ser apenas a mim, preciso de outros para me manter de pé. (Lispector, 2017, p. 45)

Ao evocar o nome de Clarice e tantos outros artistas, Rodrigo estabelece um jogo bastante peculiar com o leitor. Primeiramente, há o distanciamento fictício da figura de Clarice na existência de Rodrigo. Clarice é Rodrigo, embora não o seja, pois, essa história necessita de frieza e “[...] escritora mulher pode lacrimejar piegas” (Lispector, 2017, p. 49). O Outro que o constitui é a própria autora, revelada, porém negada, magistralmente zombeteira. O embate e o encontro entre o Eu e o Outro são pilares do estranhamento típico da literatura moderna. Cabe ao leitor encontrar maneira de responder ao insólito convite feito por Rodrigo, na verdade Clarice, em escrita *masculina*. Clarice Lispector, transvestindo-se de homem, provoca claramente a crítica que frequentemente a rotula como *literatura feminina* e nunca *universal*. Esse deslocamento não só reverbera na estrutura e no conteúdo da narrativa, como nas esferas extratextuais.

Além da polarização com Clarice, Rodrigo forja sua identidade em oposição à Macabéa. O narrador tem urgência em se distinguir dela. Ele é tudo que falta à alagoana. (Dalcastagnè, 2000). Começa por estabelecer comportamentos que não são seus para poder escrevê-la. Para falar da



moça, não pode fazer a barba por dias, só deve cochilar quando está exausto, usar roupas velhas e rasgadas (Lispector, 2017). Enquanto escreve em sua casa comendo frutas e bebendo vinho branco gelado, Macabéa mastiga pedaços de papel bem mastigadinhos pensando em coxa de vaca. Ele é escritor e dispõe das palavras, ela é datilógrafa incompetente. Rodrigo é metafísico, Macabéa é carnal – fome infindável, olhos amarelados, lascívia. O narrador aprendeu francês de ouvido, a órfã magrela não sabe que não sabe, como “uma cadela vadia é teleguiada exclusivamente por si mesma” (Lispector, 2017, p. 53).

Organiza-se, desse modo, uma relação de desprezo e susto. Rodrigo marca nitidamente as distâncias que o separam; olha Macabéa ora com amor, ora com ódio. Em uma manobra de culpa e defesa, constrói Macabéa, o único modo que encontra para se proteger. “Sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?” (Lispector, 2017, p. 63). Essa polarização entre Rodrigo S. M. e Macabéa evidencia uma relação marcada pela tensão entre criação e alteridade. Rodrigo constrói sua identidade narrativa por contrastes. Este distanciamento não é apenas físico ou intelectual, mas também simbólico, encapsulando a hierarquia entre o narrador como criador e a personagem como objeto de sua criação.

Ao “encenar” comportamentos para se aproximar da realidade de Macabéa, Rodrigo demonstra um paradoxo inerente: por um lado, ele afirma a necessidade de compreender sua personagem; por outro, reforça o abismo que os separa. Essa ambivalência – amor e desprezo, culpa e defesa – é o que impulsiona a narrativa. O narrador, ao construir Macabéa, parece projetar nela os aspectos que rejeita em si mesmo, utilizando-a como um espelho distorcido que reflete sua própria crise existencial. A angústia de Rodrigo diante de seu papel como narrador, observador e agente da destruição literária e simbólica de Macabéa, ecoa a violência implícita no ato de narrar: o autor-narrador exerce poder absoluto sobre a vida ficcional, ao mesmo tempo em que é confrontado pela humanidade que atribui à sua criação. Sendo assim, Rodrigo S. M. não apenas narra, mas encarna as contradições do moderno, manifestando as fissuras entre o ser e o narrar, entre a linguagem e a experiência.



Considerações finais

O último texto de um grande escritor que tornar-se-á um mistério novamente, uma estrela entre as estrelas, uma molécula entre as moléculas, reclamou um narrador muito particular. Essa obra derradeira, tão curta e ardente, indaga: o que é um autor? O que é um narrador? (Cixous, 2017). Apenas um narrador como Rodrigo, fragmentado, insólito, suspeito, moderno poderia dar a gravidez de futuro a Macabéa. A experiência da personalidade humana

[...] da precariedade da sua situação num mundo caótico, em rápida transformação, abalado por cataclismos guerreiros, imensos movimentos coletivos, espantosos progressos técnicos que, desencadeados pela ação do homem, passam a ameaçar e dominar o homem. (Rosenfeld, 1991, p. 86-87)

E em *A Hora Estrela*, Clarice Lispector plasma todos os elementos constituintes da literatura moderna. Seu último livro publicado em vida aponta para a consciência de um narrador que vive apenas enquanto vive sua história. Morta a personagem morre o narrador: “E agora – agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?!” (Lispector, 2017, p. 110). A dissolução do narrador com a morte de Macabéa revela a dependência visceral entre o criador e a criatura em *A Hora da Estrela*. Rodrigo S. M. não existe fora da narrativa; sua identidade é forjada pela experiência de narrar a história de Macabéa, de modo que sua voz, suas reflexões e até suas contradições se desintegram ao término da vida da personagem. Este desfecho sublinha a fragilidade do narrador moderno, que se define não pela onipotência, mas pela efemeridade e pela autoconsciência de seu papel. O trecho final – com sua meditação sobre a morte – enfatiza como o narrador se vê inevitavelmente arrastado pelo mesmo vazio existencial que atribui à sua criação. Assim, Clarice Lispector sintetiza, em um gesto radical, os dilemas da literatura moderna: a ficção como espaço transitório onde narrador e personagem se confundem em suas crises e finitudes compartilhadas.

CRediT

Reconhecimentos:

Financiamento: Não é aplicável.



Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 14, n. 1 – e4990 (2025)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável

Contribuições dos autores:

PAUKA, Gabriela de Sá.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

- Adorno, T. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: *Notas de Literatura I*. São Paulo: 34 Letras, 2003. Tradução Jorge de Almeida.
- Bakhtin, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Unesp; Hucitec, 1998, p. 397-428.
- Candido, Antônio. No raiar de Clarice Lispector. *Vários escritos*, v. 2, 1970.
- Cixous, Hélène. Extrema fidelidade. Lispector, Clarice. *A hora da estrela: edição com manuscritos e ensaios inéditos*, v. 1, p. 131-163, 2017.
- Dalcastagnè, Regina. Contas a prestar: O intelectual e a massa em "A hora da estrela" de Clarice Lispector. *Revista de crítica literária latino-americana*, p. 83-98, 2000.
- Lispector, C. *A hora da estrela*. Edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. (Primeiramente publicado em 1977).
- Lukács, Georg. O romance como epopeia burguesa. *Ensaios Ad Hominem*, v. 2, 1932.
- Rosenfeld, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. *Texto. Contexto*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1976.
- Vidal, Paloma. E agora ama Crônica do Encontro com os Manuscritos de “A Hora da Estrela”. *A hora da estrela-edição com manuscritos e ensaios inéditos*, 2017.